

**RELAÇÃO ENTRE RELIGIOSIDADE E EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE DE
MULHERES CIS LÉSBICAS E BISEXUAIS
RELATION BETWEEN RELIGIOSITY AND EXPRESSION OF SEXUALITY OF
LESBIAN AND BISEXUAL CIS WOMEN**

Sarah Guidi¹

Resumo: Diversos estudos apresentam a religiosidade e a sexualidade como fenômenos correlatos e que demonstram reflexos entre um e outro. Acerca da relação entre religiosidade e expressão da sexualidade, tem-se três possíveis aspectos a serem analisados para compreender as influências da religiosidade sobre a expressão da sexualidade de mulheres cis lésbicas e bissexuais, são eles: homonegatividade internalizada, ocultação da sexualidade e experiências de estigma. Face ao contexto apresentado, o presente projeto de pesquisa teve como objetivo caracterizar a relação entre religiosidade e a expressão da sexualidade de mulheres cis lésbicas e bissexuais que já tiveram algum tipo de experiência com a religiosidade. A pesquisa se caracterizou por um estudo exploratório, descritivo, com abordagem quantitativa em relação a natureza dos dados e possui delineamento de levantamento. Para coleta de dados foi utilizado um instrumento de 32 itens entre mulheres cis lésbicas e bissexuais que já tiveram algum tipo de experiência com a religiosidade. Os principais resultados indicaram não haver correlação entre as dimensões da expressão da sexualidade delimitadas e religiosidade. Diferenças entre os desfechos de sexualidade foram observadas entre variáveis sociodemográficas, como orientação sexual - participantes lésbicas e bissexuais.

Palavras-chave: Homonegatividade internalizada. Religiosidade. Sexualidade.

Abstract: Several studies present religiosity and sexuality as correlated phenomena and which demonstrate reflexes between one and the other. Regarding the relationship between religiosity and the expression of sexuality, there are three possible aspects to be analyzed to understand the influences of religiosity on the expression of sexuality of lesbian and bisexual women, they are: internalized homonegativity, concealment of sexuality and stigma experiences. Given the context presented, the present research project aims to characterize the relationship between religiosity and the expression of sexuality of lesbian and bisexual cis women who have already had some kind of experience with religiosity. The research is characterized by an exploratory, descriptive study, with a quantitative approach in relation to the nature of the data and has a survey design. For data collection, a 32-item instrument will be used among lesbian and bisexual cis women who have already had some kind of experience with religiosity. The main results indicated that there was no correlation between the delimited dimensions of expression of sexuality and religiosity. Differences in sexuality outcomes were observed across sociodemographic variables such as sexual orientation - lesbian and bisexual participants.

Keywords: Internalized homonegativity. religiosity. Sexuality.

¹Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: sarahguidi13@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2022. Orientador: Prof. Douglas Garcia, Mestre.

1 INTRODUÇÃO

A influência da religião na vivência do gênero, do sexo e da sexualidade tem aspectos sociais e psicológicos que merecem consideração na produção de conhecimento em Psicologia. Observa-se que valores e práticas religiosas estão intimamente relacionados à construção da sexualidade, uma vez que as pessoas sofrem influências da religião cotidianamente (DUARTE, 2017). A considerar que no Brasil 92% da população pratica algum tipo de religião ou espiritualidade, torna-se relevante mapear a relação entre religião e a expressão da sexualidade, tomando como foco o sofrimento psíquico de mulheres cis (lésbicas e bissexuais), bem como potenciais processos de repressão e invalidação associados a religiosidade (DUARTE, 2017).

No Brasil, o catolicismo e as igrejas evangélicas pentecostais são as religiões com o maior número de adeptos (DI SANTO; LEICHSENRING, 2021). De acordo com os valores religiosos comuns ao Cristianismo, o sexo tende a ser visto como um ato destinado a pessoas casadas e tem como um dos principais objetivos a reprodução, sendo considerado pecado o ato que vá contra os valores estabelecidos pela igreja (DUARTE, 2017). Nesse sentido, a sexualidade do indivíduo é um fenômeno abordado predominantemente sob um viés específico, pois mesmo que essas noções já tenham sido parcialmente reformuladas, a sexualidade pela perspectiva católica, ainda apresenta forte associação com a concepção vinculada a cosmovisão do pecado original (DUARTE, 2017).

Simultâneo a essas noções, é possível compreender a sexualidade humana como um aspecto que está intimamente vinculado à religião. Esta, pode ser vista como um fator determinante da sexualidade e do comportamento sexual de indivíduos (praticantes ou não de um grupo religioso), além de apresentar reflexos nas subjetividades individuais, que podem ser internalizados de forma explícita, através da prática dos valores religiosos, e implícitas, através de “crenças silenciosas”^{II} - determinadas como fenômenos históricos que vão atuar como repressores dessa sexualidade (CHAUI, 2008 apud DUARTE, 2017). Essas crenças silenciosas são internalizadas, mesmo que superficialmente, desde a infância, determinando através de seu conteúdo, padrões de comportamento, conduta e postura que são esperados de acordo com os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade, ditando de forma estereotipada e equivocada, o que é ser homem, o que é ser mulher e o que é sexualidade (FIORINI; RIBEIRO; DESIDÉRIO, 2018).

Além das influências que a religião tem na subjetividade das pessoas, é possível observar que os atravessamentos repercutidos por conta da religiosidade podem ser observados

^{II} Mensagens que não são percebidas, mas que conotam um modelo de sexualidade a ser seguido ou reprimido através das mídias e acabam sendo reproduzidas de maneira inconsciente pelas pessoas, (DUARTE, 2017).

com mais ênfase na sexualidade de mulheres que vivenciaram ou vivenciam determinados grupos religiosos, onde os valores e dogmas da igreja se apresentam com mais força na expressão de suas sexualidades (DUARTE, 2017). Isso pode ser observado na pressão religiosa, cultural e social em torno da ideia de uma mulher ideal, que segue os valores religiosos, tais como a valorização da virgindade antes do casamento, o culto da heterossexualidade e a submissão feminina perante a figura masculina (DUARTE, 2017).

Pesquisas que relacionam religiosidade e expressão da sexualidade em mulheres cis lésbicas e bissexuais ainda são um objeto de estudo a ser melhor abordado na literatura nacional. De acordo com Rosado (2017) questões de gênero e feminismo não são mencionadas em pesquisa nacional referente às religiões, da mesma forma que estudos da Ciência da Religião não são contemplados nas apurações das áreas de estudos de gênero. Nesse sentido, são identificados muitos estudos relacionados ao estudo da religião em Psicologia (JARAMILLO, 2019; PEREIRA; HOLANDA, 2019), da sexualidade (para uma revisão ver NEVES, 2019) e por fim, com menor volume da religião e da sexualidade (para uma revisão ver CORTES, 2021).

1.1 RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E SEXUALIDADE

Buscando compreender a relação entre religiosidade e a experiência de mulher cis lésbicas e bissexuais na vivência de sua sexualidade, é necessário pensar inicialmente na sexualidade feminina no geral, enquanto um fenômeno que é atravessado por inúmeros fatores repressores que não a religião. Gayle Rubin (1975) traz em sua pesquisa *The traffic in women: notes on the political economy of sex*, de perspectiva progressista e feminista, o questionamento do que seria uma mulher domesticada, e analisa a “fêmea da espécie” como uma mulher que é apenas uma mulher quando não se encontra dentro de relações de poder.

Rubin (1975) questiona em sua análise o porquê da existência de um sistema de relações que serve de aparato social para a domesticação destas mulheres, trazendo então o conceito “sistema de sexo/gênero^{III}” para identificar previamente os arranjos sociais que consistem neste sistema que faz da sexualidade biológica os “produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 159). A autora

^{III}Segundo a autora, “outras denominações já foram propostas para o sistema de sexo / gênero. As mais comuns são ‘modo de reprodução’ e ‘patriarcado’”, mas a autora prefere distinguir estes termos por acreditar que suas definições podem causar confusões na compreensão do todo e que é imprescindível a produção de conceitos “que permitam descrever adequadamente a organização social da sexualidade e a reprodução de convenções de sexo e de gênero” (RUBIN, 1975, p.167 - 168).

exemplifica o sexo^{IV} enquanto um produto social, da mesma forma que o são os domínios e interpretações que o fazem a seu respeito e, por conta disso, vê-se necessário a compreensão das relações que o produzem (RUBIN, 1975). Um grande exemplo de domínio que se tem sobre este sistema sexual é a construção da identidade de gênero, que é utilizada nestes casos pela grande maioria das sociedades para caracterizar seus bebês de acordo com seu gênero a partir de seu nascimento e, assim, a autora aponta como a humanidade possui a capacidade (e não a necessidade) de organizar e caracterizar as opressões dos mundos sexuais à sua maneira (RUBIN, 1975).

Mesmo que atualmente a concepção de sexo e sexualidade não esteja mais tão atrelada a reprodução e que o prazer humano ganhe mais destaque enquanto um fenômeno que é atravessado por aspectos biopsicossociais e independente da procriação, entende-se que a marginalização da sexualidade, em especial a sexualidade feminina, ainda sofre pelos estigmas herdados pela história (GOZZO *et al.*, 2000). Quando se faz este recorte de gênero, podemos compreender que a sociedade em que estamos inseridos prestigia a virilidade do macho enquanto educa as mulheres “para dentro”, onde ocorre a domesticação citada anteriormente, demonstrando que elas “são educadas para agirem como filhas e mães sem passar pelo estágio de mulher” (GOZZO *et al.*, 2000, p. 84). Este controle se tem desde a infância, o qual será visto mais para frente.

Dentre as questões que abrangem a sexualidade de mulheres cis nesta pesquisa, compreende-se aqui não somente as relações de gênero que permeiam em suas vivências, mas também a marginalização de conceitos e práticas sexuais que atravessam as experiências dessas mulheres. Entende-se que, pensando no contexto cultural, sexo e sexualidade são historicamente permeados por mitos e tabus, sendo muitas vezes relacionados a reprodução e tendo desconsideradas compreensões sobre a vivência do prazer, principalmente por serem entendidas como práticas condenáveis ou até pecaminosas pela moral social (GOZZO *et al.*, 2000).

Já se tratando da orientação sexual de mulheres cis, entende-se que apesar de o movimento político LGBT ter ganhado muito foco na década de 1970, os interesses defendidos nas manifestações públicas eram predominantemente masculinos e de caráter machista ao considerar as normas de gênero que exerciam influência quando se pensava na distinção que se tinha acerca da vivência das mulheres homossexuais e bissexuais e da vivência dos homens homossexuais e bissexuais (FONSECA; RIBEIRO, 2020). Desta forma, para além da

^{IV}Sexo aqui pode ser compreendido enquanto uma convergência de noções que temos, como “identidade de gênero, o desejo e a fantasia sexuais, as concepções de infância” (RUBIN, 1975, p.167).

invisibilidade ocasionada pela sociedade, que possuía valores religiosos e morais, além da distinção do papel que deveriam exercer segundo o conceito patriarcal das definições de família tradicional, as mulheres lésbicas e bissexuais não tinham visibilidade no movimento LGBT, pois além de teres sua orientação sexual - lésbica e bissexual - compreendida enquanto um desvio à norma pela moral social, dentro da comunidade, ainda tinham suas vivências homossexuais e bissexuais dificultadas (FONSECA; RIBEIRO, 2020).

Assim, visto que a ideologia masculina pautada na ideia de que os homens possuem o controle - principalmente político - e as mulheres são suas subordinadas, entende-se como necessária a diferenciação de gênero no processo identitário da vivência de lésbicas ou bissexuais enquanto mulheres cis, uma vez que, mesmo que “acolhidas” dentro do movimento LGBT, ainda sofrem com conteúdo machistas neste mesmo movimento, assim como fora dele (FONSECA; RIBEIRO, 2020).

Acerca das lacunas no campo científico, das lacunas no campo científico nos estudos feministas sobre as relações de gênero e produções derivadas delas, quando relacionam gênero, feminismo e religião, Oliveira e Enoque (2019), procuram compreender a percepção de mulheres do meio religioso e o motivo pelo qual elas permanecem nesses arranjos, analisando a influência do movimento feminista sobre elas, além de buscar semelhanças e diferenças na concepção de mulheres fiéis e ex-fieis de instituições evangélicas (OLIVEIRA; ENOQUE, 2019). Neste sentido, os autores trazem as estruturas de gênero para além do seu conceito, abordando as significações e normas sociais de gênero, impostas nas relações estabelecidas e naturalizadas por estas estruturas, que “corroboram com a manutenção de uma identidade fixa para mulheres” (OLIVEIRA; ENOQUE, 2019, p. 398). Uma vez que as relações sociais e as significações produzidas por ela criam a compreensão do que se tem como “gênero”, vale questionar como estas relações se estabelecem no ambiente religioso e quais os produtos que se manifestam a partir dele.

A religião pode ser caracterizada aqui como um conjunto de crenças, práticas e rituais que possuem ligação com algo da ordem do sagrado, do sublime, daquilo que transcende a materialidade. Já a religiosidade apresenta um sentido de crenças e práticas devotas à uma religião e será compreendida através de três dimensões estabelecidas: valores religiosos, práticas religiosas e identidade religiosa (DOMINGUES *et al.*, 2020).

Os valores religiosos são compreendidos enquanto dispositivos que ordenam uma ação institucionalizada e são diretamente associados ao horizonte de princípios, normas e experiências religiosas (DUARTE *et al.*, 2004). Esses valores são preservados tanto pela própria instituição religiosa quanto pelos indivíduos que se ajustam a essas crenças em seu

cotidiano, pois a primeira passa a ter função de “autoridade e de guardiãs de dogmas, doutrinas, teologias” ao passo que o último vai atribuir significados, podendo reforça-los através de tradições familiares, retrabalhá-los, questioná-los ou ir contra eles (BELLOTTI, 2011, p.30).

Já as práticas religiosas podem ser identificadas enquanto a própria expressão da religiosidade, que nada mais são do que ações ritualísticas de conduta que devem ser seguidas à risca, demonstrando o relacionamento simbólico que o indivíduo tem com o sagrado (PETERS, 2015). Assim, conseqüentemente, as práticas religiosas se veem definidoras da identidade religiosa, pois através delas que um grupo religioso ancora seu sentimento de pertencimento (BELLOTTI, 2011).

Por fim, a identidade religiosa está intimamente associada com a noção de pertencimento de um indivíduo em detrimento de uma comunidade religiosa que, por sua vez, é caracterizada através de ritos e simbolismos externos que são significados, aprendidos, reforçados e repassados entre os indivíduos que a seguem (CANTARELA; PANASIEWICZ, 2017). A autocompreensão individual e reconhecimento das representações que constituem uma religião, somado à experiência de pertencimento e o vínculo estabelecido com a organização, marcam a identidade religiosa de um determinado indivíduo, que pode tanto se ajustar a esse papel quanto rejeitá-lo (BELLOTTI, 2011).

Quando analisados, é possível observar que o comportamento sexual e a sexualidade como um todo são frequentemente atravessados pela religião, que é possivelmente uma das agências de controle social que mais ditam normas e circunstâncias no que diz respeito à expressão sexual dos indivíduos, criando também “conseqüências de coerção e punição para comportamentos sexualizados” (DALLAROSA, 2020, p. 56-57). Para a religião católica, por exemplo, que é uma das religiões que possuem mais fiéis no Brasil, entende-se o sexo como um ato que deve ser exclusivo para fins naturais e de reprodução, sendo desencorajada a ideia da vivência da sexualidade por estrito prazer e, uma vez que possuem uma visão mais conservadora deste fenômeno, por muitas vezes, pregam até mesmo a extinção de práticas consideradas desviantes (DUARTE, 2017). Assim como a religião evangélica-pentecostal, que, como visto anteriormente, influenciada pelo pensamento católico, também pregam valores conservadores, bem como enfatizam rigorosamente a inibição de desejos relacionados à vivência da sexualidade, mesmo que em pensamentos e sonhos, utilizando da oração como método de se precaução e prevenção contra obscenidades (DUARTE, 2017).

1.2 IMPLICAÇÕES DA RELIGIOSIDADE NA SEXUALIDADE DE MULHERES DURANTE A INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E FASE ADULTA

Mesmo que atualmente já haja estudos que apontam que a sexualidade está imbricada ao ser humano desde o seu nascimento, por muito tempo acreditou-se que a sexualidade tinha seu início apenas quando o indivíduo entrava na adolescência, pois entendia-se a sexualidade como um conceito associado ao sexo (BORGONOVO *et al.*, 2017). De acordo com as autoras, a partir da infância a criança já tem a capacidade de perceber e diferenciar gêneros, contudo, uma vez que os próprios adultos, tais como pais e professores, possuem dificuldade de abordar o assunto com as crianças, sua sexualidade acaba sendo desconsiderada (BORGONOVO *et al.*, 2017). Essa dificuldade pode ser analisada através da possível percepção que professores e familiares têm de que abordar a sexualidade possa ter incentivo direto com a prática sexual e, dessa forma, prefere-se evitar o diálogo, e isso demonstra como a compreensão da sexualidade ainda é permeada nos tabus e preconceitos de um pensamento que pode ser influenciado por aspectos religiosos, que, em sua maioria, consideram a sexualidade pecaminosa e profana (BORGONOVO *et al.*, 2017).

Para além desse ponto, entre as muitas variáveis que perpassam a introdução e desenvolvimento da sexualidade na infância e adolescência, é possível observar as mídias como um aspecto de grande influência, pois tornam-se grandes fontes de informação, uma vez que, ao não obterem suas respostas em ambientes repressivos, buscam esse caminho como forma de saciar suas curiosidades (BORGONOVO *et al.*, 2017). Fioravante e Schmidt (2018) trazem a mídia como grande influência na construção de normas e discursos repressores de gênero e sexualidade ao transmitirem estímulos de funções sociais que devem ser assumidos por meninos e meninas. Enquanto o primeiro é associado a ações corajosas, virilidade e racionalidade, as meninas são associadas a submissão, docilidade e meiguice (FIORAVANTE; SCHMIDT, 2018). Além disso, apesar de nem todo desenho abordar a menina como dependente e indefesa e o menino como o herói independente, a maioria dos programas aos quais as crianças têm acesso, abordam os papéis de gênero de forma estereotipada, e, para além do machismo que se internaliza nestas crianças, observa-se a própria repressão da orientação sexual, uma vez que existe a ideia de que só existe um final feliz para mocinha quando a mesma se casa com o herói no final, trazendo a ideia de que além de precisar de um homem para encontrar a felicidade, esta relação só será ideal em uma relação cisheterossexual (FERREIRA; RIBEIRO; DESIDÉRIO, 2018).

Durante o período da adolescência, além da reverberação das repressões da infância, meninas que estão passando ou passaram pelo período da puberdade se tornam ainda mais atravessadas por normas sexistas e homofóbicas (CARVALHO; MELO, 2019). De acordo com Carvalho e Melo (2019), apontam a divisão nos trabalhos domésticos sendo norteados pelo

gênero, onde meninas passam a aprender os cuidados do lar como natural a mulher, um serviço feminino. Já a respeito da vivência da sexualidade, encontra-se outra diferenciação por gênero: os meninos são incentivados e tornam-se até motivo de orgulho para os pais, enquanto as meninas são reprimidas (CARVALHO; MELO, 2019).

Sabe-se que o período da adolescência é um momento em que meninas e meninos começam a sentir as mudanças psicofísicas pelas quais estão passando, inclusive a emergência de suas sexualidades (CARVALHO; MELO, 2019). Segundo as autoras, uma vez que estes temas começam a ser debatidos no seio familiar, podem ser aceitos ou represados por seus pais ou responsáveis e são essas possíveis repressões que podem gerar constrangimento e bloqueio na auto aceitação dos adolescentes, afetando não apenas sua autoestima como também o desenvolvimento de uma identidade sexual de maneira saudável (CARVALHO; MELO, 2019). Essa violência ocorre com o falso pretexto de correção de um comportamento desviante.

Além do meio familiar, entende-se que o ambiente escolar possui grande influência na construção da sexualidade dos adolescentes e caberia ao professor, uma vez que está mais presente no cotidiano dos estudantes, abordar temáticas relacionadas à sexualidade (BORGONOVO *et al.*, 2017). Contudo, posto que grande parte dos profissionais não aparenta ter capacitação e preparo para atender tais demandas, há um déficit no que diz respeito a atenção a essas necessidades e, de certa forma, uma vez que haja a falta de uma educação sexual tanto em seus lares quanto no ambiente escolar, tanto crianças quanto adolescentes ficam expostos a diversas situações que apresentam risco à sua saúde (BORGONOVO *et al.*, 2017). De acordo com Borgonovo *et al.* (2017), além da necessidade de que professores tenham a capacidade e postura adequadas para atender demandas advindas dessa temática, devem estar capacitados o suficiente para não apenas orientar, como também conduzir a situação de maneira a não deixar suas opiniões e convicções influenciarem neste atendimento, para que assim crianças e adolescentes tenham a confiança necessária para expor suas dúvidas e questionamentos. Tais posturas são defendidas pelas autoras, pois, de acordo com elas, “a promoção da educação e da saúde sexual” possibilitam “diminuir tanto a incidência de IST e a taxa de gravidez precoce, quanto proteger as crianças e adolescentes da violência sexual, ou mesmo de uma vivência sexual conturbada” (BORGONOVO *et al.*, 2017, p. 100).

A religiosidade também possui forte influência na naturalização de práticas que por si só possuem valores patriarcais pautados na supremacia de homens sobre mulheres (mesmo que esses valores não possam ser observados explicitamente), e tem-se como exemplo o arquétipo padrão de família nuclear, heterocentrada, monogâmica e que tem como objetivo a consolidação da dita “família tradicional” (DUARTE, 2017; PEREZ, PALMA, 2018). E é neste contexto que

podemos observar algumas imposições que são sujeitas as mulheres, fragilizando-as ainda mais, enquanto se reforça o papel patriarcal do homem (PEREZ; PALMA, 2018).

Ao se submeter a instituição do casamento monogâmico e heteronormativo, a mulher tende a se submeter a alguns valores impostos principalmente pela igreja, a começar pela ideia da valorização da virgindade feminina como um símbolo de pureza e virtude, levando em consideração também a os papéis que deve desempenhar enquanto esposa e mãe, submetidas a vigilância moral da sociedade (DUARTE, 2017; PEREZ, PALMA, 2018). Tem-se assim, o reforço dos estereótipos da família tradicional, que impõe a mulher à uma monogamia compulsória e cisheteronormativa, pois é apenas através dessa sujeição que se mostra a ideia de felicidade que, nessa mesma ideia, não é destinada para casais homossexuais (PEREZ, PALMA, 2018).

Desta forma, mulheres que fogem desse padrão normativo de comportamento de mulher ideal tendem a ser criticadas pela sociedade e, conseqüentemente, por elas mesmas, uma vez que passam a carregar a culpa de não estar dentro das expectativas (SANTOS, 2019). Esta questão pode ser observada através da insubmissão feminina às censuras impostas pela igreja e que se tornam reguladoras sociais no que se refere ao comportamento da mulher e, em especial, à sua liberdade sexual (SANTOS, 2019). Uma vez que tais transgressões aos estereótipos de gênero se fazem, tem-se um conflito em torno da figura da mulher, sendo considerada transgressiva na medida que contradiz os “parâmetros socialmente instituídos” (SANTOS, 2019, p. 33).

1.3 PATOLOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Atualmente, de acordo com Estrázulas e Morais (2019, p. 2), a homossexualidade já é definida pela ciência como “uma das possibilidades de vivência afetivo-sexual humanas”, não sendo mais considerada uma patologia por instituições como American Psychology Association (APA), Organização Mundial de Saúde (OMS), Conselho Federal de Psicologia (CFP) e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Contudo, por muito tempo, a sexualidade e os fenômenos que a compõe foram considerados patologias, inclusive no Brasil, onde práticas manicomiais eram utilizadas em casos em que mulheres divergiam das normas de gênero e sexualidade consideradas normais na época (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019; GARCIA; MATTOS, 2019).

Tais comportamentos eram considerados sintomas de adoecimento mental e então as mulheres eram internadas e, entre os sintomas de adoecimento mental catalogados em seus

prontuários eram encontrados aspectos como “irregularidade menstrual, infecções sexualmente transmissíveis (IST), excesso de desejo sexual, aparência demasiadamente sedutora, homossexualidade, falta de cuidados em relação aos filhos e ao marido, prostituição, vida ‘boêmia’ e até mesmo ‘estudo em excesso’” (GARCIA; MATTOS, 2019, p. 52). Os comportamentos de “inversão sexual” e desejos homoeróticos tais como a masturbação nas mulheres ainda eram caracterizados nos manuais diagnósticos como desviantes da mesma forma que o eram a inflição masculina da pedofilia (GARCIA; MATTOS, 2019).

Duarte (2017, p. 76) aponta que estudos recentes demonstram “que o trabalho, a família, os amigos, o sexo e a religião são os principais domínios discutidos em sessões de psicoterapia” e, concomitantemente a este fato, percebe-se a falta de pesquisas que demonstrem as “influências que a religião pode exercer sobre o comportamento dos indivíduos, sejam eles praticantes ou não de uma forma de religião”. Quando associados à temática da patologização, entende-se através do pensamento de Jung (2011) exposto por Duarte (2017) que os fatores religiosos condicionavam muitas das neuroses apresentadas nos indivíduos, tendo inclusive uma categoria de diagnóstico presente no DSM-IV (2014) que se refere à “problemas religiosos ou espirituais” e, dessa forma, a compreensão dos valores religiosos de um indivíduo, sejam estes conscientes ou não, faz-se necessário para a compreensão da visão de sexo e sexualidade do mesmo (DUARTE, 2017).

Dentre as possíveis implicações da religiosidade sobre a sexualidade, levanta-se a hipótese de que a mesma apresente relação com dimensões como a homonegatividade internalizada, ocultação da sexualidade e experiências de estigma de mulheres cis lésbicas e bissexuais. Tais construtos, por exemplo, foram avaliados por Costa *et al.* (2020), indicando resultados significativos, e desta forma, no presente estudo, procura-se associar estes mesmos construtos à religiosidade, buscando possíveis correlações que possam existir entre eles.

Entende-se aqui a homonegatividade como um termo que abrange “aspectos sexistas do preconceito relativo à população LGB, considerando que para além da aversão à orientação sexual, está presente uma percepção engessada e normatizadora dos papéis de gênero” (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019, p. 8). Assim, homonegatividade internalizada seria, nesta pesquisa, a insatisfação e autodesprezo que lésbicas e bissexuais sentem em relação a sua orientação sexual e até por si próprios por conta de preconceitos sociais que já sofreram devido a sua homossexualidade (COSTA *et al.*, 2020). Pesquisas relacionadas a homonegatividade internalizada são pouco abordadas na literatura e o que se tem registro são pesquisas que variam em diferentes contextos e abordagens metodológicas (SOUZA *et al.*, 2019). Ainda de acordo com os autores, o Brasil é o país que mais possui estudos sobre esta temática, tendo como um

dos principais resultados para a internalização da homonegatividade a culpa que pessoas LGBTQIA+ sentem por conta de sua sexualidade e o medo generalizado da perda do amor de pessoas queridas, em especial, da família (SOUZA *et al.*, 2019). O fato de haver maior discussão sobre o assunto no país é um dado relevante a se considerar, uma vez que se entende que o Brasil lidera o ranking mundial de violências contra a população LGBTQIA+ (SOUZA *et al.*, 2019).

Independente ou não da vivência de uma religiosidade, entende-se que gays, lésbicas e bissexuais tendem a passar por um processo de autoaceitação e validação de sua orientação sexual uma vez que a “descobrem”, mas este processo pode ser ou não dificultado quando essas pessoas, nas palavras de Estrázulas e Morais (2019, p. 3), “cresceram em contextos religiosos que professam que a homossexualidade é imoral e indesejada”. Então, apesar de atualmente já ser possível encontrar religiões que acolham a comunidade LGBTQIA+, muitas ainda enxergam as orientações sexuais não cisheteronormativas como pecado e, também, uma doença que necessita ser remediada (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019).

O fenômeno da homonegatividade internalizada pode ser observado nestes casos quando as tensões internas vivenciadas na relação entre a religiosidade e orientação sexual de mulheres lésbicas e bissexuais se contradizem, ocasionando a rejeição da própria orientação sexual, que passa a ser vista pela pessoa como pecado ou antinatural (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019). Desta forma, ou mulheres lésbicas e bissexuais optam por abandonar aquela identidade religiosa ou caem na imposição/procura de métodos de modificação do comportamento homossexual desviante, tais como terapia de reversão sexual, exorcismo ou inserção em casamento heterossexual (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019).

As terapias de reversão sexual são historicamente conhecidas e utilizadas por algumas religiões como método de prevenção e correção das homossexualidades que são consideradas pecado (GARCIA; MATTOS, 2019). Algumas das práticas que envolvem esse o processo de “cura” da homossexualidade são o exorcismo e terapias grupais religiosas, onde após a “cura”, as pessoas que recebem “alta” se denominam “ex-homossexuais” ou “ex-gays” (GARCIA; MATTOS, 2019).

Levando em consideração os dados supracitados, Bruce, Happer e Bauermeister (2015), levantaram a hipótese da homonegatividade enquanto um efeito da correlação entre a experiências de estigma e o estresse ocasionado pela ocultação da sexualidade durante o período da adolescência, associando-os também com o índice de sintomas depressivos. Assim, entende-se que o estigma é um conceito que se refere a atributos físicos ou sociais que, por serem considerados depreciativos socialmente, resultam na discriminação e julgamento público de

corpos, de indivíduos, de tribos, de nações, entre outros (GIDDENS, 2017). Pesquisas relacionadas a experiências de estigma são identificadas na literatura brasileira, tendo como principais aspectos associados: (a) violências familiares, (b) evasão escolar, (c) repressão da sexualidade, (d) minimização de oportunidades, (e) perda de vínculo familiar e (f) ideações suicidas (SILVA *et al.*, 2021).

De acordo com Silva (2017), mulheres lésbicas e bissexuais passam por um processo de dupla submissão, tanto por conta de seu gênero quanto por conta de sua orientação sexual, podendo sofrer diversos tipos de violência que, em específico, servem como tentativas de mantê-las submissas dentro do sistema patriarcal que está impregnado de dogmas religiosos. Um tipo de violência relacionado a essas experiências de estigma podem ser caracterizadas como a prática do “estupro corretivo” ou “estupro punitivo”. Tal violência vem da ideia de “curar” a homossexualidade ou bissexualidade considerada uma anomalia na concepção de algumas religiões, que utilizam dessa violência para “corrigir” o comportamento de mulheres que não se identificam enquanto heterossexuais (SILVA, 2017). Desta forma, a violência sexual aparece frequentemente no relato de mulheres cis lésbicas e bissexuais que manifestam uma orientação sexual que difere da heterossexual, sendo uma forma de violência que tem como objetivo - e muitas vezes como consequência - o apagamento da identidade da mulher lésbica ou bissexual, que sofrem tanto pela violência do ato físico em si quanto pela violência psicológica que repercute antes, durante e depois do crime, pois muitas vezes ele é acompanhado pela pregação do agressor enquanto violenta a vítima (SILVA, 2022). Nas definições de Emilayne Silva (2017, p. 27), o estupro corretivo nada mais é do que “um discurso do ódio, é a exteriorização da cultura do estupro voltada para as mulheres LBTs. É um castigo pela negação da mulher à masculinidade do homem (...) por meio do ato sexual forçado (...) e motivada por ódio e preconceito”.

Outro fenômeno observável ao se pensar na vivência da sexualidade de mulheres cis lésbicas e bissexuais, é a conhecida “saída do armário”. A saída do armário é um conceito utilizado para exemplificar o momento em que a pessoa declara sua sexualidade, seja para si própria, sua família, seus amigos e sociedade como um todo (SILVA; TEIXEIRA, 2022). Uma pesquisa relacionada a revelação da identidade ou orientação sexual apresentou em seus resultados que este fenômeno vem sendo abordado em periódicos relacionados a Psicologia e, de acordo com as amostras obtidas, apesar de o Brasil não abordar a temática tanto quanto países como os Estados Unidos, estudos sobre a mesma vem ganhando cada vez mais força nacionalmente (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018). Contudo, vale o destaque de que grande parte das pesquisas sobre homossexualidade abordam principalmente questões que

estão relacionadas a “temáticas como HIV e outras patologias, saúde pública, saúde mental, álcool e drogas, comportamento de risco, imagem corporal, suicídio, homoparentalidade, teoria queer, entre outras”, deixando o processo de saída do armário mais esquecido, comparado a estes outros fenômenos (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018).

Entende-se que quando lésbicas, gay e bissexuais passam pela descoberta de sua orientação sexual, dão início a todo um processo de “auto aceitação e validação de sentimentos” no que tange suas sexualidades e, para Estrázulas e Morais (2019), este processo se apresenta de forma “mais complicada quando esses indivíduos cresceram em contextos religiosos que professam que a homossexualidade é imoral e indesejada” (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019, p. 3). Uma vez que estudos apontam que este processo pode gerar tanto afastamento quanto aproximação de LGBs em relação à religião, o presente artigo dedica-se a compreender a experiência de mulheres cis lésbicas e bissexuais em relação a religião e a expressão de suas sexualidades.

Diante dos argumentos apresentados e, tendo em vista que o Brasil é um país com um número significativo de pessoas que seguem uma determinada religião e que a religião pode influenciar a sexualidade das pessoas, pretende-se avançar na compreensão da relação entre religião e sexualidade, tomando como foco o sofrimento psíquico de mulheres cis lésbicas e bissexuais, que tiveram suas sexualidades reprimidas e invalidadas pela religião. Nessa direção a pergunta de pesquisa proposta nesse projeto é: **quais às características da relação entre religiosidade e expressão da sexualidade em mulheres cis lésbicas e bissexuais?**

Pretende-se também que, através desta pesquisa, haja contribuições futuras para novas pesquisas sobre a compreensão das implicações que a religiosidade pode ter na sexualidade de mulheres cis lésbicas e bissexuais, além de apresentar a religião e a sexualidade como fenômenos históricos que são indivisíveis e que possuem possíveis reflexos de um para o outro entre um e outro.

2 MÉTODO

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza por um estudo exploratório e descritivo em relação aos seus objetivos. Exploratório pois, de acordo com Gil (2008), teve como objetivo proporcionar uma melhor compreensão sobre um tema que ainda não é muito desenvolvido e possibilitar um melhor esclarecimento acerca da temática, viabilizando outras possíveis hipóteses mais amplas para futuros estudos. E descritivo, uma vez que utilizou de técnicas padronizadas em sua coleta

de dados, visando descrever as características dos fenômenos pesquisados, relacionando suas variáveis, além de objetivar o levantamento de dados sobre atitudes e crenças do grupo estudado (GIL, 2008). Além disso, a pesquisa teve abordagem quantitativa em relação à natureza dos dados, sem seguir padrões pré-definidos de análise, e delineamento de levantamento, pois aborda diretamente as pessoas cujo fenômeno deseja-se compreender, solicitando informações acerca do tema analisado, mesmo que não analise todos os integrantes que compõem o grupo estudado (GIL, 2008).

2.2 PARTICIPANTES

As participantes da pesquisa foram 132 mulheres cis lésbicas e bissexuais. Os critérios de inclusão da amostra foram: (a) ser mulher cis lésbica ou bissexual; e (b) ter tido uma experiência com a religiosidade. Os critérios de exclusão da amostra foram: (a) participantes que se autodeclararem heterossexuais e que não tiverem experiência religiosa atual ou pregressa. A amostra não seguiu critério probabilístico e os dados foram coletados durante o período previsto no cronograma da pesquisa. O recrutamento das participantes se deu por meio de divulgação da pesquisa nas redes sociais da pesquisadora.

2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado um instrumento de 37 itens. O instrumento foi composto por quatro escalas: (a) Escala de Religiosidade de Duke (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2007); (b) Escala de Homonegatividade Internalizada (COSTA *et al.*, 2020); (c) Escala de Revelação da Sexualidade (COSTA *et al.*, 2020); (d) Escala de Experiências de Estigma (COSTA *et al.*, 2020). Além disso, apresentou alguns itens produzidos pela pesquisadora contendo perguntas que identificam alguns marcadores sociais.

A escala de religiosidade de Duke foi selecionada por ser um instrumento com evidências de validade e que apresenta um escopo de itens convergentes com os objetivos da pesquisa proposta (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2007). A escala é composta por cinco itens que compreendem “três dimensões de religiosidade que mais se relacionam com desfechos em saúde: organizacional (RO), não-organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (RI)” (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2007, p. 32).

Já os instrumentos elencados para mensurar as dimensões supracitadas da sexualidade foram escolhidos em razão da proposição em pesquisa proposta por Costa *et al.*, (2020). A homonegatividade internalizada é mensurada por um instrumento composto por 7 itens com

uma única dimensão (COSTA *et al.*, 2020). Já a escala de revelação da sexualidade trata-se de um instrumento composto por 4 itens com integração unidimensional (COSTA *et al.*, 2020). Por fim, a escala de experiências de estigma conta com 7 itens com uma dimensão (COSTA *et al.*, 2020).

Durante a produção dos itens, percebeu-se a necessidade de alteração de alguns termos na escala de homonegatividade internalizada. Apesar de a homonegatividade supracitada pretender abordar lésbicas, bissexuais e gays, estudos mostram que alguns grupos de lésbicas ativistas defendem a inclusão do termo “lesbianidades” para tratar o que antes se referia à mulheres homossexuais (SALDANHA, 2018). De acordo com a autora, tratar a lesbossexualidade enquanto uma homossexualidade, afasta esse grupo do olhar masculino da palavra, possibilitando novos espaços para a existência da mulher lesbiana, atribuindo significado político ao recusar o referencial masculino (SALDANHA, 2018).

Dessa forma, optou-se pela mudança de termos como (a) homossexualidade, (b) mulheres homossexuais, passando-se a utilizar (c) lesbianidade, (d) lesbossexuais e (e) lesbianas.

O processo de coleta de dados consistiu em após divulgação da pesquisa em redes sociais da pesquisadora, a disponibilização do instrumento de coleta de dados, que foi aplicado de forma *on-line*, a partir do Google Forms.

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Inicialmente os dados foram organizados em planilhas eletrônicas, sendo feito o tratamento de dados faltantes por meio do procedimento de casos disponíveis (*pairwise deletion*). Para análise de dados foram utilizados procedimentos de estatística descritiva e estatística inferencial. Os procedimentos de estatística descritiva foram estimativas de média, desvio-padrão e frequência de respostas por grupo de participantes.

Os procedimentos de estatística inferencial consistiram em: (a) estimar a normalidade de distribuição dos dados por meio do teste de *Shapiro-Wilk*, no qual identificou-se que os dados não apresentaram distribuição normal em sua maioria; (b) estimou-se diferenças nos níveis das variáveis de desfecho (por exemplo, homonegatividade) entre subgrupos das variáveis sociodemográficas (por exemplo, lésbicas e bissexuais); (c) estimou-se coeficiente de correlação de *Spearman* entre os construtos esboçados. As análises foram realizadas por meio do software Jamovi.

2.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta pesquisa seguiu as normas e diretrizes que regulamentam a pesquisa com seres humanos presentes nas determinações das Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul (CAAE: 6 2903622.0.0000.5369).

Os riscos previstos pela presente pesquisa foram de grau mínimo, relacionados com a ocorrência de constrangimento e mobilização de afetos de alguns participantes e quebra de sigilo, dada a condição de coleta de dados de forma *on-line*. Para minimização dos riscos sobre o uso de dados online foram adotados os seguintes procedimentos: (a) os dados salvos nas planilhas eletrônicas só serão acessados via rede doméstica pela pesquisadora e pelo pesquisador responsável; (b) o nome dos participantes não irá aparecer nem no trabalho escrito, nem nos bancos de dados, respeitando a total anonimidade dos mesmos. Ademais, como primeiro cuidado ético na coleta de dados, foi adotado a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - a qual tinha o registro de ciência como uma condição indispensável para participação na pesquisa. Participantes que não concordaram com o TCLE tiveram o formulário interrompido automaticamente sem coletados, sequer salvos.

Em contraparte, os principais benefícios aos riscos foram: aumentar a compreensão da religião e da sexualidade como fenômenos historicamente indivisíveis viabilizando assim a construção de materiais que auxiliem na formação e capacitação de profissionais da Saúde e de outras políticas intersetoriais que acolham e ofereçam serviços públicos a pessoas em situação de risco de violação de direitos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 RESULTADOS DESCRITIVOS

Inicialmente, com base nas respostas dos participantes do estudo (n=132), os resultados da pesquisa foram organizados em estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) das variáveis de desfecho, a saber, (1) o nível da Escala de Religiosidade de Duke (ERD), Escala de Religiosidade de Duke – dimensão frequência (ERDf), Escada de Religiosidade de Duke – dimensão crenças (ERDc), (2) Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI), (3) Escala de Revelação da Sexualidade (ERS) e (4) Escala de Experiências de Estigma (EEE), em relação às variáveis sociodemográficas. A tabela 1 apresenta uma síntese desses resultados.

Tabela 1 – Caracterização das participantes em relação aos desfechos de pesquisa e a variáveis sociodemográficas

| | | ERDf | | ERDc | | ERD | | EHI | | ERS | | EEE | |
|---|-------------------------|------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|
| | | Média | DP | Média | DP | Média | DP | Média | DP | Média | DP | Média | DP |
| Idade | Entre 18 e 30 anos | 5,2 | 2,9 | 7,0 | 3,8 | 12,2 | 6,2 | 37,2 | 5,6 | 11,1 | 3,0 | 8,4 | 2,0 |
| | Entre 30 e 60 anos | 8,8 | 2,2 | 12,1 | 3,0 | 20,8 | 4,7 | 35,2 | 9,5 | 12,8 | 3,6 | 8,6 | 1,9 |
| Orientação Sexual | Lésbica | 5,8 | 3,3 | 7,7 | 4,1 | 13,5 | 6,9 | 38,8 | 6,0 | 13,1 | 3,0 | 9,1 | 2,1 |
| | Bissexual | 5,5 | 3,0 | 7,4 | 4,0 | 12,9 | 6,5 | 36,4 | 6,0 | 10,7 | 2,9 | 8,2 | 2,0 |
| Escolaridade | A partir de EM completo | 5,6 | 3,0 | 7,5 | 3,9 | 13,1 | 6,5 | 36,4 | 6,2 | 11,4 | 3,1 | 8,4 | 2,1 |
| | Até EM completo | 5,5 | 3,4 | 7,4 | 4,4 | 12,9 | 7,4 | 39,6 | 4,9 | 10,7 | 3,3 | 8,5 | 1,6 |
| Religião Atual | Não pratica | 4,1 | 2,4 | 5,8 | 3,3 | 9,9 | 5,2 | 36,8 | 6,1 | 11,1 | 3,3 | 8,4 | 2,1 |
| | Pratica | 8,0 | 2,5 | 10,6 | 3,2 | 18,6 | 5,0 | 37,4 | 6,0 | 11,7 | 2,8 | 8,5 | 1,9 |
| Matriz da Religião Atual | Matriz Cristã | 7,1 | 2,2 | 10,1 | 3,2 | 17,2 | 4,7 | 36,9 | 6,6 | 11,3 | 2,8 | 8,4 | 2,0 |
| | Outras Matrizes | 9,9 | 2,0 | 11,7 | 3,0 | 21,6 | 4,6 | 38,3 | 4,6 | 12,5 | 2,8 | 8,8 | 1,7 |
| Tempo Praticando Religião Atual | Superior a 10 anos | 7,5 | 2,7 | 10,8 | 3,0 | 18,3 | 5,0 | 37,9 | 6,7 | 11,0 | 3,1 | 8,4 | 1,6 |
| | Por até 10 anos | 8,1 | 3,1 | 9,8 | 3,8 | 17,9 | 6,5 | 36,8 | 4,7 | 12,0 | 2,8 | 8,3 | 1,7 |
| Antiga Religião | Não | 6,3 | 3,5 | 8,3 | 4,1 | 14,6 | 6,9 | 38,0 | 5,4 | 10,5 | 2,1 | 8,2 | 1,3 |
| | Sim | 8,4 | 2,4 | 11,0 | 2,9 | 19,4 | 4,7 | 37,0 | 6,7 | 12,1 | 3,1 | 8,7 | 2,0 |
| Matriz da Antiga Religião | Matriz Cristã | 5,4 | 3,0 | 7,3 | 4,0 | 12,7 | 6,6 | 37,4 | 5,3 | 11,2 | 3,2 | 8,5 | 2,1 |
| | Outras Matrizes | 5,0 | 2,6 | 8,7 | 5,0 | 13,7 | 7,5 | 43,3 | 6,0 | 12,0 | 2,0 | 7,3 | 0,6 |
| Tempo Sem Praticar Antiga Religião | Superior a 10 anos | 6,6 | 3,5 | 7,8 | 4,8 | 14,4 | 7,7 | 38,5 | 6,5 | 12,3 | 3,5 | 8,9 | 2,7 |
| | Período de até 10 anos | 5,1 | 2,8 | 7,0 | 3,7 | 12,1 | 6,2 | 36,9 | 5,5 | 11,0 | 3,1 | 8,4 | 1,9 |
| Tempo que Praticou Antiga Religião | Por até 10 anos | 5,5 | 2,9 | 7,1 | 3,7 | 12,6 | 6,2 | 37,0 | 5,2 | 11,3 | 2,9 | 8,4 | 2,2 |
| | Superior a 10 anos | 5,2 | 3,1 | 7,4 | 4,1 | 12,6 | 6,8 | 37,1 | 6,5 | 11,3 | 3,4 | 8,5 | 1,8 |

Fonte: própria autora, 2022.

3.1.1 RESULTADOS DESCRITIVOS – DIMENSÕES DA ESCALA DE RELIGIOSIDADE DE DUKE

Face aos resultados, foram testadas se as diferenças observadas foram estatisticamente significativas. Em relação a ERDf, foram observadas diferenças estatisticamente significativas na idade, ou seja, entre *mulheres de 18 à 30 anos* ($m = 5,19$; $dp = 2,92$; $p < 0,05$) observou-se menor nível de religiosidade (frequência) do que entre *mulheres de 30 à 60 anos* ($m = 8,77$; $dp = 2,20$; $p < 0,05$). Também foram observadas diferenças significativas em relação à *mulheres que praticam* ($m = 7,98$; $dp = 2,54$) e *mulheres que não praticam* ($m = 4,15$; $dp = 2,37$; $p < 0,05$) uma religião atualmente; *entre mulheres que praticam uma religião de matriz cristã* ($m = 7,09$; $dp = 2,24$; $p < 0,05$) e *mulheres que praticam religiões de outras matrizes* ($m = 9,93$; $dp = 2,05$; $p < 0,05$), e, por fim, entre *mulheres que possuíam* ($m = 8,37$; $dp = 2,40$; $p < 0,05$) e *não possuíam* ($m = 6,31$; $dp = 3,47$; $p < 0,05$) uma antiga religião.

Em relação a ERDc, foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre *mulheres de 18 à 30 anos* ($m = 7,03$; $dp = 3,76$; $p < 0,05$) e *mulheres de 30 à 60 anos* ($m = 12,1$; $dp = 2,99$; $p < 0,05$); entre *mulheres que praticam* ($m = 5,77$; $dp = 3,28$; $p < 0,05$) e *mulheres que não praticam* ($m = 10,6$; $dp = 3,19$; $p < 0,05$) uma religião atualmente; e entre *mulheres que possuíam* ($m = 11,00$; $dp = 2,92$; $p < 0,05$) e *não possuíam* ($m = 8,31$; $dp = 4,11$; $p < 0,05$) uma antiga religião. Assim, observou-se que mulheres mais velhas, não praticantes e que possuíam uma religião anterior os níveis de religiosidade concepção (ERDc) foi maior.

Já em relação a ERD, foram observadas diferenças significativas entre *mulheres de 18 à 30 anos* ($m = 12,2$; $dp = 6,25$; $p < 0,05$) e *mulheres de 30 à 60 anos* ($m = 20,8$; $dp = 6,25$; $p < 0,05$); entre *mulheres que praticam* ($m = 18,6$; $dp = 5,04$; $p < 0,05$) e *mulheres que não praticam* ($m = 9,93$; $dp = 5,23$; $p < 0,05$) uma religião atualmente; entre *mulheres que praticam uma religião de matriz cristã* ($m = 17,2$; $dp = 4,67$; $p < 0,05$) e *mulheres que praticam religiões de outras matrizes* ($m = 21,6$; $dp = 4,61$), e, por fim, entre *mulheres que possuíam* ($m = 19,4$; $dp = 4,74$; $p < 0,05$) e *não possuíam* ($m = 14,6$; $dp = 6,95$; $p < 0,05$) uma antiga religião.

Como é possível observar, em todas as dimensões da Escala de Religiosidade de Duke, foi possível observar diferença significativas em relação a idade das participantes, sendo que as médias no nível das participantes *de 30 à 60 anos* foram maiores em relação tanto à frequência de práticas religiosas quanto em relação a crenças religiosas e inclusive a escala geral de religiosidade. Dentre as possíveis explicações para esta diferença apresentada, é a de que pessoas mais velhas tendem a refletir mais a respeito de questões existenciais e, inclusive, buscar amparo nessa religiosidade, afim de proporcionar segurança ao se depararem com a ideia

incômoda da sua própria finitude. Tal hipótese corrobora com o estudo de mestrado de Inês Filipa Godinho Machado Pereira (2019), que apresenta em sua pesquisa as associações culturais de juventude à produtividade, enquanto a velhice é relacionada à inutilidade, ao declínio e à morte. De acordo com a autora, tal consciência da finitude inevitável gera um terror intenso e paralisante que, por sua vez, pode ser amenizado através dessas crenças (PEREIRA; 2019).

Outra diferença apresentada em todas as dimensões da Escala de Religiosidade de Duke, foi entre as mulheres que *praticam* e *não praticam* uma religião atualmente. Como pode ser observado, a média de mulheres que *praticam* uma religião é maior no que se refere a frequência de práticas religiosas (ERDf), a crenças religiosas (ERDc) e na escala geral de religiosidade (ERD). Contudo, vale ressaltar que mesmo algumas mulheres que responderam que não possuem nenhuma religião, por vezes praticam ou possuem algumas crenças pessoais.

Dentre as mulheres que *praticam* uma religião atualmente, foi observada também que tanto a dimensão de frequência de práticas religiosas (ERDf) quanto a escala geral de religiosidade (ERD), apresentam diferenças significativas no que tange as mulheres que praticam *religiões de matrizes cristãs* e mulheres que praticam *religiões de outras matrizes*. Os resultados da amostra apresentam que mulheres que possuem *religiões de outras matrizes*, tendem a praticar com mais frequência sua religiosidade, além de possuírem também uma média mais alta de religiosidade em relação a escala geral.

Por fim, é possível analisar que, em todas as dimensões da Escala de Religiosidade de Duke (ERD), há diferença significativa entre mulheres que *possuíam* e mulheres *não possuíam* uma religião antiga (diferente da atual). Levando em consideração que a média de mulheres que *possuíam* uma religião antiga demonstrou-se maior do que a de mulheres que *não possuíam*, levantou-se a hipótese de que a mudança de religião pode ser devida a não identificação com a religião anterior e, assim, uma vez que religião atual expresse sua própria escolha, possivelmente, as práticas e crenças, como também o nível da religiosidade, aumentem nessas pessoas. Frank Antonio Mezzomo, Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e Lara de Fátima Grigoletto Bonini (2019), apontam em sua pesquisa que tais “transformações religiosas” expressaram inclusive uma mudança qualitativa nos sujeitos que estudaram, explicando ainda que em comparação às quase imponderadas e monopolizadas práticas religiosas tradicionais, atualmente, percebe-se uma escolha refletida, pessoal e subjetiva dos sujeitos em relação a sua religiosidade (MEZZOMO; PÁTARO, BONINI; 2019).

3.1.2 RESULTADOS DESCRITIVOS – DIMENSÕES DAS ESCALA DE HOMONEGATIVIDADE INTERNALIZADA, REVELAÇÃO DA SEXUALIDADE E EXPERIÊNCIAS DE ESTIGMA

No que diz respeito a Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI), foram observadas diferenças estatisticamente significativas apenas entre *lésbicas* ($m = 38,8$; $dp = 6,0$; $p < 0,05$) e *bissexuais* ($m = 36,4$; $dp = 5,98$; $p < 0,05$), no que dizia respeito a orientação sexual; e também em relação à escolaridade, ou seja, entre mulheres que possuíam *até o ensino médio completo* ($m = 39,6$; $dp = 4,88$); $p < 0,05$ e mulheres que possuíam *grau de escolaridade acima de ensino médio completo* ($m = 36,4$; $dp = 6,16$; $p < 0,05$). Assim, foi possível observar que participantes lésbicas e participantes com menor nível de escolaridade apresentaram maiores níveis de homonegatividade internalizada.

A respeito do último item, não foi possível encontrar na literatura dados que expliquem o motivo de a homonegatividade internalizada em mulheres cis lésbicas e bissexuais ser maior em mulheres que possuíam *até o ensino médio completo* e menor em mulheres que possuíam *grau de escolaridade acima de ensino médio completo*. Uma hipótese que pode ser levantada é a de que mulheres com grau de escolaridade maior, tendem a possuir maior acesso a informações, contato com discussões acerca das pesquisas e comunidades acerca dos estudos de gênero.

Sobre a diferença significativa de homonegatividade internalizada entre mulheres *lésbicas* ($m = 38,8$; $dp = 6,0$; $p < 0,05$) e mulheres *bissexuais* ($m = 36,4$; $dp = 5,98$; $p < 0,05$), também não foi possível encontrar na literatura dados que explicassem o porquê de a média de homonegatividade internalizada em mulheres *lésbicas* foi maior do que a média de homonegatividade internalizada encontrada na amostra de mulheres *bissexuais*. Contudo, alguns dados foram encontrados em um estudo de Portugal, onde indicavam que pessoas bissexuais apresentavam maiores riscos de discriminação, dado que não corrobora com os resultados da amostra da presente pesquisa (GATO, 2022)). Neste estudo, indicavam o “apagamento bissexual” como um dos principais fatores de *stress* psicológico deste grupo, uma vez que essas pessoas demonstraram sentimentos de não pertencimento à comunidade cisheterossexual e, *inclusive*, à própria comunidade LGBTQIAP+ (GATO, 2022). Além disso, o estudo indicou que mulheres lésbicas e bissexuais apresentavam maiores índices de ideação suicida, sendo este dado possivelmente explicado através de duas hipóteses: (a) discriminações recorrentes do efeito do sexismo e (b) dificuldade dessas mulheres de romper com sua imagem de mulher heterossexual e se assumirem enquanto lésbicas e bissexuais, uma vez que estes

estudos apresentaram que a “saída do armário” dessas mulheres pode se dar tardiamente, já tendo passado por relações heterossexuais e filhos, implicando na incompreensão de esferas como a família e o ambiente de trabalho (SALEIRO, 2022).

Por fim, em relação a Escala de Revelação da Sexualidade (ERS) e a Escala de Experiências de Estigma (EEE), foram encontradas diferenças significativas apenas no que dizia respeito a orientação sexual das participantes (lésbicas e bissexuais). Em ERS, observou-se diferença entre *lésbicas* ($m = 13,1$; $dp = 2,97$; $p < 0,05$) e *bissexuais* ($m = 10,7$; $dp = 2,95$; $p < 0,05$). E em EEE, entre *lésbicas* ($m = 9,15$; $dp = 2,06$; $p < 0,05$) e *bissexuais* ($m = 8,21$; $dp = 1,96$; $p < 0,05$). Contudo, assim como nas diferenciações feitas anteriormente, apesar de a amostra apresentar uma média maior de experiências de estigma e de dificuldade de revelar sua sexualidade em mulheres *lésbicas*, nenhuma literatura pode ser encontrada que explicasse diferença entre as escalas e a orientação sexual destas mulheres.

3.2 RESULTADOS CORRELACIONAIS

A partir dos resultados desta pesquisa foi possível identificar coeficientes de correlação significativos ($p < 0,05$) dos escores dos construtos de Escala de Religiosidade de Duke – dimensão frequência (ERDf), Escala de Religiosidade de Duke – dimensão crenças (ERDc), Escala de Religiosidade de Duke – dimensão geral (ERD), Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI), Escala de Revelação da Sexualidade (ERS) e Escala de Experiências de Estigma (EEE). Contudo, às magnitudes de correlação foram consideradas moderadas e foram identificadas correlações somente entre construtos de expressão da sexualidade e religiosidade. A tabela 2 apresenta uma síntese dos resultados.

Tabela 2- Matriz de Correlações entre a Escala de Religiosidade de Duke, a Escala de Homonegatividade internalizada, a Escala de Revelação da Sexualidade e a Escala de Experiências de Estigma.

| | ERDf | ERDc | ERD | EHI | ERS | EEE |
|------|----------------|----------------|--------|----------------|----------------|-----|
| ERDf | — | | | | | |
| ERDc | 0,770** | — | | | | |
| ERD | 0,923** | 0,953** | — | | | |
| EHI | -0,08 | -0,004 | -0,041 | — | | |
| ERS | 0,146 | 0,035 | 0,089 | 0,402** | — | |
| EEE | 0,143 | 0,002 | 0,067 | 0,155 | 0,386** | — |

Fonte: própria autora, 2022. Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Conforme é possível identificar, as duas maiores correlações observadas foram entre a Escala de Religiosidade de Duke – dimensão geral (ERD) e a Escala de Religiosidade de Duke – dimensão crenças (ERDc) ($\rho = 0,953$; $p < 0,001$); e entre a Escala de Religiosidade de Duke – dimensão geral (ERD) e a Escala de Religiosidade de Duke – dimensão frequência (ERDf) ($\rho = 0,923$; $p < 0,001$). Ambos os dados podem ser considerados como correlações positivas de nível alto, pois apresentam, respectivamente, 90,82% e 85,19% de covariação entre si. A partir desses resultados, também é possível observar que, quanto maior o nível de crenças e quanto maior o nível de frequência em relação às práticas religiosas, maior também será o nível de religiosidade da pessoa.

A terceira maior correlação identificada foi entre a Escala de Religiosidade de Duke – dimensão frequência (ERDf) e a Escala de Religiosidade de Duke – dimensão crenças (ERDc) ($\rho = 0,770$; $p < 0,001$). Esta também pode ser considerada uma correlação positiva de nível alto, apresentando 59,29% de covariação, entendendo-se também que, quanto maior o nível de frequência em relação às práticas religiosas, maior o nível de crenças da pessoa, e vice-versa. Apesar dos resultados estatisticamente significativos, vale ressaltar que estes não foram resultados com significância prática porque os construtos já são derivações de uma mesma escala (entre as dimensões da Escala de Religiosidade de Duke) e, portanto, já estava posta a unidimensionalidade do construto.

A principal hipótese de pesquisa a saber a correlação entre as dimensões da Escala de Religiosidade de Duke com as demais escalas que diziam respeito a Homonegatividade Internalizada, a Revelação da Sexualidade e a de Experiências de Estigma não foram confirmadas nessa pesquisa. A resumir em relação a escala geral de religiosidade (ERD), além de não serem consideradas correlações estatisticamente significativas ($p < 0,05$), às magnitudes (forças de correlação) identificadas foram consideradas insignificantes (EHI 0,041; ERS 0,089 e EEE 0,061). Esses achados não permitem corroborar outras pesquisas que sugerem relação entre religiosidade e expressão da sexualidade de homens e mulheres LGBTQIAP+. Um exemplo é o estudo realizado por Jullyanne Maria dos Santos e Thais Wanderley Mendes (2018), onde apresentaram correlações estatisticamente significativas entre o preconceito em relação a orientação sexual e o nível de religiosidade dos participantes, sendo 155 mulheres e 140 homens. A pesquisa delas também apresentou correlações estatisticamente significativas ($p < 0,05$) dos itens “Rejeição de proximidade”, “Heterossexismo moderno” e Homopatologização” com os coeficientes “comportamento religioso”, “sentimento religioso”, “corporeidade religiosa” e “conhecimento religioso” (SANTOS; MENDES, 2018). Vale ressaltar que, apesar de a pesquisa não ter sido realizada especificamente com mulheres cis,

lésbicas e bissexuais, 155 mulheres lésbicas participaram do estudo que obteve tais resultados, o que possibilita levantar a hipótese de que há possibilidade de que os dados coletados na amostra estudada não tenham retratado integralmente a realidade de todas as mulheres cis lésbicas e bissexuais. Um exemplo: a pesquisa pode não ter alcançado mulheres LBs que tenham sofrido experiências de estigmas pela religião por conta de sua orientação sexual, não sendo possível fazer uma correlação entre essa experiência religiosa e o nível de homonegatividade internalizada nessas mulheres cis lésbicas e bissexuais.

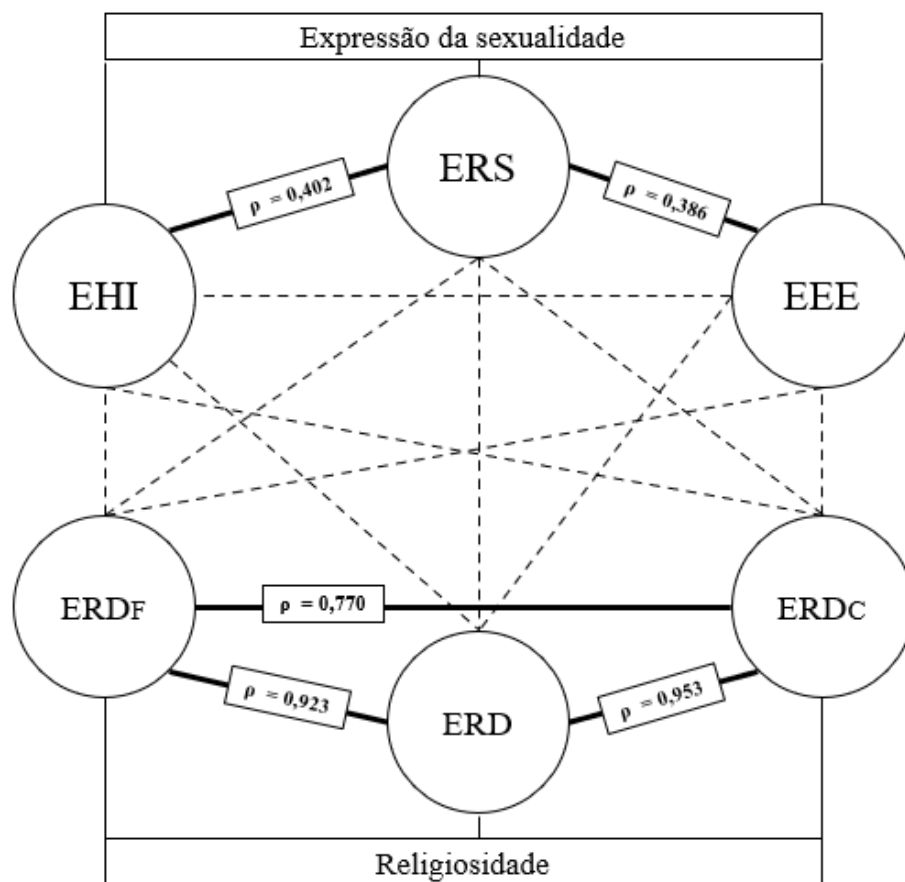
Entre os construtos referendados de expressão da sexualidade, observaram-se correlações significativas, que valem menção. Foi possível observar correlação positiva de nível moderado entre a Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI) e a Escala de Revelação da Sexualidade (ERS) ($\rho = 0,402$; $p < 0,001$), apresentando 16,16% de covariação e, entendendo-se assim que, quanto maior o nível de homonegatividade internalizada, maior também, a dificuldade apresentada em revelar a sua sexualidade. Num estudo feito por Fernando Silva Teixeira *et al.* (2012), os autores apresentam alguns fatos que corroboram com a mostra estudada nesta pesquisa, explicando como as pessoas são ensinadas de cedo a viverem de acordo com as regras heteronormativas e heterossexistas da sociedade. A pesquisa não se trata apenas de mulheres cis lésbicas e bissexuais, mas apresenta um bom parâmetro sobre o caminho que pessoas não heterossexuais traçam no decorrer de suas vidas, e como este caminho pode ser atravessado por experiências em que estas pessoas internalizem a homonegatividade e, conseqüentemente, tenham dificuldade em revelar suas sexualidades (TEIXEIRA *et al.*, 2012). De acordo com os autores, alguns dos aspectos que marcam as fases da vida de uma pessoa não heterossexual são: o sentimento de diferença, a negação de tais sentimentos que o diferem do padrão normativo, a dificuldade em desenvolver laços sociais, a internalização da culpa, o sentimento de inferioridade e principalmente a necessidade de agradar outras pessoas por conta do medo de rejeição (TEIXEIRA *et al.*, 2012). Por conta desse sentimento de inferioridade, do medo de rejeição e da condenação social, ocorre então essa dificuldade em revelar sua orientação sexual, fenômeno entendido pelo senso comum como a saída (ou não) do armário.

Também se identificou correlação positiva de nível baixo entre a Escala de Experiência de Estigma e a Escala de Revelação da Sexualidade ($\rho = 0,386$; $p < 0,001$), que demonstraram 14,90% de covariação. Assim, entende-se que, quanto maior o nível de experiências de estigma sofridas pela pessoa por conta de sua orientação sexual, maior a dificuldade esta pessoa irá apresentar no que diz respeito a revelação de sua sexualidade. Teixeira *et al.* (2012) explica em seu estudo que, ainda levando em consideração a sociedade pautada na norma heterossexista, a

dificuldade em revelar a sexualidade também se norteia pela noção de eu assumir uma orientação sexual fora da norma, expõe a pessoa tanto a violências ocasionadas pelo preconceito quanto pela “invisibilidade das sexualidades não heterossexuais nas leis, nas regras e nas normas escolares, enfim, no cotidiano em geral, empurram o jovem para o isolamento” (TEIXEIRA *et al.*, 2012, p. 20). Ademais, outra correlação notável refere-se à ausência de relação estatisticamente significativa entre EHI e EEE.

Uma síntese dos resultados observados na pesquisa é apresentada na figura 1.

Figura 1 - Síntese dos resultados correlacionais da pesquisa.



Fonte: própria autora, 2022.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os dados alcançados com a pesquisa, as maiores correlações observadas foram entre os construtos da Escala de Religiosidade de Duke (ERD, ERDF e ERDC), mas apesar dos resultados estatisticamente significativos, vale ressaltar que estes não foram resultados com significância prática porque os construtos já são derivações de uma mesma escala e, portanto, já estava posta a unidimensionalidade do construto.

Entre os construtos relacionados a expressão da sexualidade, observaram-se correlações estatisticamente significativas entre (a) Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI) e a Escala de Revelação da Sexualidade (ERS) ($\rho = 0,402$; $p < 0,001$) e (b) Escala de Experiência de Estigma e a Escala de Revelação da Sexualidade ($\rho = 0,386$; $p < 0,001$). Outra correlação notável refere-se à ausência de relação estatisticamente significativa entre a Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI) e Escala de Experiências de Estigma (EEE), uma vez que alguns estudos apresentados na presente pesquisa demonstraram certa comparação entre discriminações sofridas e preconceitos internalizados, como visto em Santos e Mendes (2018).

Além disso, considerando a principal hipótese da pesquisa, que era descobrir se a religião possui relação com a sexualidade de mulheres cis lésbicas e bissexuais, não foi possível obter uma correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a Escala de Religiosidade de Duke (ERD) e as Escalas de Homonegatividade Internalizada (EHI), Revelação da Sexualidade (ERS) e Experiências de Estigma (EEE), uma vez que as magnitudes (forças de correlação) identificadas foram consideradas insignificantes (EHI 0,041; ERS 0,089 e EEE 0,061). Apesar disso, vale ressaltar que o resultado obtido na amostra analisada, não corrobora com outras pesquisas, que sugerem relação entre religiosidade e expressão da sexualidade, como em Santos e Mendes (2018).

Ademais, entende-se que há a possibilidade de que os dados coletados na amostra estudada não tenham retratado integralmente a realidade de todas as mulheres cis lésbicas e bissexuais. Um exemplo: a pesquisa pode não ter alcançado mulheres LBs que tenham sofrido experiências de estigmas pela religião por conta de sua orientação sexual, não sendo possível fazer uma correlação entre essa experiência religiosa e o nível de homonegatividade internalizada nessas mulheres cis lésbicas e bissexuais. Dessa forma, como sugestão, recomenda-se a proposição de novas pesquisas com delineamentos tanto quantitativos quanto qualitativos, que sejam capazes de analisar de modo mais aprofundado as questões relacionadas especificamente a sexualidade de mulheres cis lésbicas e bissexuais, pois, como foi possível observar através do presente estudo, ainda há muito a ser estudado sobre esse grupo específico no país. Tais estudos possivelmente proporcionariam maior visibilidade à mulheres cis lésbicas e bissexuais que, aparentemente, não são apenas marginalizadas na comunidade cisheterossexual e na comunidade LGBTQIAP+, mas também na própria comunidade acadêmica e científica.

REFERÊNCIAS

- BELLOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: Conceitos e Debates na Era Contemporânea. **Editora UFPR**, Curitiba, n. 55, p. 13-42, dez. 2011
- BORGONOVO, Ana Kamila et al. Importância, capacidade e conforto ao conversar com crianças sobre sexualidade: comparação entre pais e professores. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p.100-122, set-dez. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório da Oficina “Atenção Integral à Saúde de Mulheres Lésbicas e Bissexuais” realizada em Brasília de 23 a 25 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/sobre/publicacoes/publicacoes/2014/livreto-atencao-a-saude-de-mulheres-lesbicas-versao-web.pdf>
- BRUCE, Douglas; HARPER, Gary W.; BAUERMEISTER, Jose A. (2015). Minority stress, positive identity development, and depressive symptoms: Implications for resilience among sexual minority male youth. **Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity**, 2(3), 287. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/sgd0000128>
- CANTARELA, Antonio Geraldo; PANASIEWICZ, Roberlei. Identidades religiosas no mundo plural: no imaginário de O outro pé da sereia, de Mia Couto. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 163-187, mar. 2017.
- CARVALHO, Julia Baerlocher; MELO, Mônica Cristina. A FAMÍLIA E OS PAPÉIS DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2019, v. 31 [Acessado 13 Maio 2022], e168505. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>>. Epub 20 Dez 2019. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>.
- CORTES, Helena Moraes et al. Sexualidade e Religiosidade: uma revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e37910212540-e37910212540. 2021.
- COSTA, Angelo Brandelli et al. Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Psico-USF**, v. 25, p. 207-222, 2020.
- DALLAROSA, Amanda Rodrigues. O controle social exercido sobre a masturbação feminina. In: RODRIGUES JUNIOR, Oswaldo M. *et al* (org.). **Estudos em sexualidade – vol. 2**. São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade, 2020. Vol. 2. p. 54-64. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Oswaldo-Rodrigues-Jr/publication/341029678_Estudos_em_Sexualidade_Volume_2_ESA2_Instituto_Paulista_de_Sexualidade/links/5ea9c5eb299bf18b9587b7bc/Estudos-em-Sexualidade-Volume-2-ESA2-Instituto-Paulista-de-Sexualidade.pdf#page=55>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- DI SANTO, Gustavo; LEICHSENRING, Alexandre Ribeiro. Afiliação religiosa e desenvolvimento econômico no Brasil: fatores associados à constituição de uma mentalidade progressista entre católicos e evangélicos pentecostais. **Estud. Sociol.**, Araraquara, v. 26, n. 51, p. 705-742, dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/15347/11303>>. Acesso em: 08 abr. 2021. doi: <https://doi.org/10.52780/res.15347>

DOMINGUES, Maria Eduarda dos S. et al. Religião, Religiosidade e Espiritualidade e sua Relação com a Saúde Mental em Contexto de Adoecimento: Uma Revisão Integrativa de 2010 a 2020. **Programa de Apoio À Iniciação Científica** – Paic, Brasília, p. 555-576, 2020.

DUARTE, Alisson José Oliveira. Sexualidade E Religião: Um Olhar Crítico acerca das Influências da Religião sobre o Comportamento Sexual. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 74-98, dez. 2017. ISSN 2317-3688. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/54134/34185>>. Acesso em: 17 abr. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v6i2.54134>.

DUARTE, Luiz F. D. *et al.* Família, Reprodução e Ethos Religioso: uma pesquisa qualitativa no Rio de Janeiro. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2004, Coimbra. Comunicação. Coimbra: Ces, 2004. p. 1-14.

ESTRÁZULAS, Mattos Dourado de Mesquita; MORAIS, Normanda Araujo de. A Experiência Religiosa/Espiritual de Lésbicas, Gays e Bissexuais: Uma Revisão Integrativa de Literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Fortaleza, v. 35, p. 1-10, 2019.

FERREIRA, Gabriella Rossetti; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; DESIDÉRIO, Ricardo. Dina Goldstein: Uma análise do Conteúdo das Séries Fotográficas “Fallen Princess” e “In the Dollhouse”. In: DESIDÉRIO, Ricardo (org.). **Reflexões sobre a sexualidade nos espaços midiáticos**. Londrina: Syntagma, 2018. p. 353. Disponível em: <https://painel.syntagmaeditores.com.br/uploads/f75c23fc-aa07-4f06-aec6-3580d1f76803.pdf#page=16>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FIORAVANTE, Tiago; SCHMIDT, Saraí. Sobre ciborgues e monstros ou, como a mídia representa a infância queer. *Revista Periódicus*. 2018. 1(9), 268–287. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25668>

FIORIN, Jessica Sampaio; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; DESIDÉRIO, Ricardo. Gênero, Sexualidade e Mídia: Contribuições para a Educação Sexual na Infância. In: DESIDÉRIO, Ricardo (org.). **Reflexões sobre a sexualidade nos espaços midiáticos**. Londrina: Syntagma, 2018. p. 353. Disponível em: <<https://painel.syntagmaeditores.com.br/uploads/f75c23fc-aa07-4f06-aec6-3580d1f76803.pdf#page=16>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FONSECA, Rafaela Aparecida Gonçalves da; RIBEIRO, Débora Inácia. Início do movimento político LGBTno Brasil, cultura e visibilidade de identidades sexuais femininas. **Brazilian Journal Of Development**, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 94739-94749, dez. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/21070/16794>. Acesso em: 27 abr. 2022.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira; MATTOS, Amana Rocha. “Terapias de Conversão”: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, online, v. 39, n. 3, p. 49-61, out. 2019.

GATO, Jorge. Discriminação contra Pessoas LGBTI+: Uma Revisão de Literatura Nacional e Internacional. In: (ORGANIZADORA), Sandra Palma Saleiro *et al* (org.). **Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação**

sexual, identidade e expressão de gênero e características sexuais. Lisboa: Cig, 2022. Cap. 1. p. 9-45.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. *Conceitos Essenciais da Sociologia.* 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas Sa, 2008. 200 p.

GOZZO, Thaís de Oliveira *et al.* Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online], v. 8, n. 3, p. 84-90, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692000000300012>>.

JARAMILLO, Rosangela Garcia; MONTEIRO, Pedro Sadi; DA SILVA BORGES, Moema. Coping religioso/espiritual: Um estudo com familiares de crianças e adolescentes em tratamento quimioterápico. **Cogitare Enfermagem**, v. 24, 2019.

MEZZOMO, F. A.; PÁTARO, C. S. de O.; BONINI, L. de F. G. (2018). “Não tenho religião, apenas a crença em Deus”: trajetórias e compreensões religiosas de jovens universitários. **Revista Brasileira De História Das Religiões**, 11(33), 233-266. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i33.43487>

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander et al. Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), v. 35, p. 31-32, 2008.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. *Trends in Psychology* [online]. 2018, v. 26, n. 3 [Acessado 13 Junho 2022] , pp. 1527-1541. Disponível em: <<https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>>. ISSN 2358-1883. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>.

NEVES, Dulce Morgado. Sexualidade: Saber e Individualidade. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2019, v. 27, n. 2 [Acessado 23 Maio 2022] , e54146. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254146>>. Epub 27 Jun 2019. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254146>.

OLIVEIRA, Alesca Prado de; ENOQUE, Alessandro Gomes. RELIGIÃO E GÊNERO: ONDE EMERGE O FEMINISMO? **Revista Novos Rumos Sociológicos**, Uberlândia, v. 7, n. 11, p. 369-420, jul. 2019.

PEREIRA, Inês Filipa Godinho Machado. **É a religiosidade protetora da ansiedade face à morte nos adultos na meia-idade e nos idosos?** 2019. 55 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia da Educação, Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais, Évora, 2019.

PEREIRA, Karine Costa Lima; HOLANDA, Adriano Furtado. Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. **Interação em Psicologia**, v. 23, n. 2, 2019.

PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. Amar Amores: O Poliamor na Contemporaneidade. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v.30, p. 1-11, 2018. Doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>>

PETERS, José Leandro. A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO CONTEXTO DA HISTÓRIA CULTURAL. **Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História - Ufjf**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 87-104, jun. 2015.

RIBEIRO, Marislei; SILVA, Micael Machado da. Análise dos discursos no instagram sobre os papéis de gênero atribuídos aos brinquedos. **Cadernos de Comunicação: universidade federal de santa maria, Pelotas**, v. 24, n. 1, p. 2-18, abr. 2020.

ROSADO, Maria José. Feminismo, gênero e religião—os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 31, 2017.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna R. (ed.). **Toward an Anthropology of Woman**. New York; London: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

SALEIRO, Sandra Palma. Discriminação em função da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Gênero e Características Sexuais e Necessidades das Pessoas LGBTI+. In: (ORGANIZADORA), Sandra Palma Saleiro *et al* (org.). **Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de gênero e características sexuais**. Lisboa: Cig, 2022. Cap. 2. p. 47-163.

SANTOS, Enedir da Silva dos. O INTERDITO DA SEXUALIDADE FEMININA NA NARRATIVA DE MÁRCIA DENSER: TRANSGREDIR PARA RESISTIR. **Revista da Pós-Graduação em Letras – Uniandrade**, Curitiba, v. 17, n. 2, p. 19-34, jun. 2019.

SANTOS, Jullyanne Maria dos; MENDES, Thais Wanderley. MENSURAÇÃO E CORRELAÇÃO DO PRECONCEITO SEXUAL A PARTIR DA RELIGIOSIDADE E DOS PRECEITOS SOCIAIS. **Realize**, Belo Horizonte, p. 1-12, 2018.

SILVA, Emilayne Amara Siqueira. **O Estupro Corretivo, Dupla Vulnerabilidade Das Mulheres LBT"s e a Urgência de Tipificação Legal**. 2017. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Faculdade Asces-Unita, Caruaru, 2017. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/856/1/O%20ESTUPRO%20CORRETIVO%20DUPLA%20VULNERABILIDADE%20DAS%20MULHERES%20LBT%E2%80%99S%20E%20A%20URG%C3%8ANCIA%20DE%20TIPIFICA%C3%87%C3%83O%20LEGAL.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da; TEIXEIRA, Marina Carvalho. Identificação política e significação da experiência escolar: o caso de professores e professoras homossexuais no ensino básico. **Revista Pedagógica**, v. 24, p. 1-22, ano 2022. DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v24i1.6765>

SOUZA, Daniel Cerdeira de *et al*. A Produção Literária sobre Homofobia Internalizada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Online, v. 2, n. 1, p. 171-189, fev. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9937>. Acesso em: 12 maio 2022.

TEIXEIRA, FERNANDO SILVA et al. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2012, v. 32, n. 1 [Acessado 12 Novembro 2022] , pp. 16-33. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100003>>. Epub 18 Jun 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100003>.